

## GT22: As Festas na pandemia de Covid-19

Hugo Menezes Neto, Luciana Chianca

A COVID-19 abalou profundamente o calendário cíclico das festas populares tradicionais. Porém, contrapondo-se ao caos e à desordem pandêmicas, a festa respondeu com a concretude de processos rituais particulares, mobilizando também sentidos cosmológicos amplos do viver coletivo. Desde a preparação à realização das festas, a pandemia afetou as mobilizações, conagraçamentos e encontros, pois independentemente da sua dimensão, todas foram atingidas pelo medo, inseguranças e perdas de vidas. Alterando o trânsito festivo pelos espaços e territórios, a COVID-19 interferiu no turismo e na economia de muitas cidades - pois as festas também envolvem trabalho, emprego e o sustento de muitas pessoas, famílias e grupos. Este GT pretende reunir pesquisas que abordem como as festas tradicionais da cultura popular contemporânea - carnaval, semana santa, festejos juninos, celebrações do Divino, festas de santo, romarias, procissões e cantorias, entre outras - têm enfrentado a suspensão da presença física tão determinante na experiência ritual. Queremos debater as adversidades, a adaptação e a capacidade de resiliência das festas (e festeiros) nesse período excepcional que impediu a ocupação dos espaços característicos de sua preparação e celebração, apontando, ao mesmo tempo, para uma propulsão criativa, como, por exemplo, nas mobilizações virtuais. Em "tempos de cólera", como a experiência festiva se reconfigura através de novas práticas, dinâmicas e ordenamentos?

### Um Folia por Whatsapp

**Autoria:** Caetano Pires Tossulino

O presente trabalho é fruto de minha pesquisa e trabalho de campo (remoto) realizados durante a pandemia de coronavírus, anos de 2020 e 2021, e busca acompanhar e analisar as mudanças ocorridas na sociabilidade das populações caiçaras e na organização e realização da Folia do Divino Espírito Santo da Ilha dos Valadares em decorrência da COVID-19. A partir da análise da Folia, e da percepção da importância da corporificação do Santo e das trocas realizadas através da intermediação da pessoa do alferes, busquei compreender quais implicações a "ausência do corpo" (imposta pela pandemia) trouxe para esta prática religiosa. As populações caiçaras do litoral do Paraná vêm passando por transformações em seu modo de vida desde o século XX, e nesse contexto, é identificada dois âmbitos construídos historicamente na região, o rural (mencionado como sítio e composto pelas atuais comunidades que residem no entorno e interior do Parque Nacional do Superagui), e o urbano (a cidade de Paranaguá), compreendendo a Ilha dos Valadares (ambiente peri-urbano, próximo à cidade de Paranaguá) um dos ambientes de intermediação e conexão entre esses diversos espaços e tempos. Desse modo, a Folia do Divino Espírito Santo da Ilha dos Valadares se insere nessa relação entre sítio/cidade, ao sair da Ilha e percorrer os antigos sítios. Nessa relação as práticas culturais próprias assumem importância para a constituição tanto da identidade dessa população como da noção sobre seu próprio território. Noções essas que, como pude notar, vão orientar a realização da Folia por meio virtual, sendo possível identificar um modo próprio pelo qual as populações caiçaras se utilizaram da internet, dos aparelhos móveis e das redes sociais para manter suas relações (principalmente de parentesco), trânsitos e trocas, durante a pandemia. Neste trabalho apresento o problemas enfrentados para a realização de tal Folia através do aplicativo de mensagens Whatsapp, e as alternativas desenvolvidas pelos próprios foliões para contorná-los, alternativas essas que, como mostro, cruzam as fronteiras das dualidades que percorrem o universo caiçara no século XXI, tais como sítio/cidade, online/offline, real/virtual, humano/natureza.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

